

PQ
9261
V54
I5

UNIVERSITY OF ARIZONA

PQ9261.V54 I5

UNIV. OF ARIZONA

Lopes Vieira, Afonso/Ilhas de bruma mn



3 9001 03993 7829

ILHAS DE BRUMA



POR
AFFONSO LOPES
VIEIRA


ILHAS

DE
BRAMA



FOR
ALTONSO LOPES
VIEIRA





Digitized by the Internet Archive
in 2024

<https://archive.org/details/ilhasdebrvma0000afon>

ILHAS DE BRVMA



DO MESMO AUTOR

PARA QUE ?

NÁUFRAGO.

AUTO DA SEBENTA.

O MEU ADEUS.

O POETA SAUDADE.

« MARQUES ».

CONTO DO NATAL.

O ENCOBERTO.

AR LIVRE.

O PÃO E AS ROSAS.

O POVO E OS POETAS PORTUGUESES (conferência).

MONOLOGO DO VAQUEIRO (*GIL VICENTE*).

CANÇÕES DO VENTO E DO SOL.

ROSAS BRAVAS.

ANIMAIS NOSSOS AMIGOS.

AUTO DA BARCA DO INFERNO (*GIL VICENTE*).

CANTO INFANTIL.

BARTOLOMEU MARINHEIRO.

POESIAS DE HEINE (fóra do mercado).

INÊS DE CASTRO NA POESIA E NA LENDA (conferência
realizada no Mosteiro de Alcobaça).

A CAMPANHA VICENTINÁ.

A POESIA DOS PAINEIS DE S. VICENTE (conferência
realizada no Museu de Arte Antiga de Lisboa).

POESIAS SOBRE AS SCENAS INFANTIS DE SCHUMANN.

EM PREPARAÇÃO :

CANÇÕES DE SAUDADE E AMOR (*lieder* com música de
Ruy Coelho).

O ROMANCE DE PEDRO E INÊS.

AUTO DOS PAINEIS DE S. VICENTE.

ILHAS DE BRUMMA

PQ
9261
V54
I5



POR
AFFONSO LOPES
VIEIRA

*Numa casa que está rezando ao Mar,
e tem Camões coroados
não de loiro celebrado
mas de espinhos a sangrar,*

*ai vivi, sonhei eu
ao som do mar, que tangia;
os sonhos, êle m'os deu,
ditava, e eu escrevia.*

*Com saudades no peito me estremece
um roussinol . . . Canto em mim.
Meu coração gorgéia e ei-lo esmorece,
roussinol de Bernardim.*

*Foi por amor de ti, terra formosa,
por te amar com tam fundo sentimento,
que fui prègador e em prosa
fiz meus sermões de Admiração ao vento*

*Ó Portugal, florida alpendurada
sobre o mar, coisa saudosa . . .
Esta é a Pátria ditosa
minha amada, minha amada !*

*Mas as saudades, sob a lua gris,
evolam-se na bruma de violeta,
entre os pinheiros del rei Dom Dinis
e ondas da « Nau Catrineta ».*

*E fico só com elas, neste vário
momento em que a dor se esfuma.
Sou o senhor donatário
das minhas Ilhas de Bruma.*

*Revivei na minha alma, ó velhos temas,
penumbras da claridade.
E misterioso cante nestes poemas
meu amor português — beijo e saudade . . .*



ROMANCEIRO

ISEU

o mui namorado
Tristam sei bem que não amou Iseu
quanto eu vos amo...

EL REI D. DINIS.

Iseu, Dona do Filtro, ó Bela e Maga,
Nossa Senhora dos beijos de dor !
Nunca mais, nunca mais se extingue e apaga
em nosso coração
a Incantação
do teu filtro de amor.

O teu filtro embriagou nosso desejo,
deu-nos o gôsto de morrer de amor,
e pôs a adoração em nosso olhar.

A nossa boca rescende ao teu beijo,
foste tu que engendraste a nossa dor
e a nossa Arte de amar.

Madrinha trágica e suave, o brando
e áspero beber filhou-nos fundo.
Por ti, lá estão os mortos esperando
até ao fim do mundo . . .

Cervantes aspirou esse perfume
da nossa alma amorosa toda em flor,
e lá escreveu que era « quase costume
os Portugueses morrerem de amor ».

E foste tu, só tu, Rainha, aquela
que acendeu este lume brando e forte.
Louvada sejas, ó Bela,
na hora da nossa morte !

Por ti, Iseu,
se refloriu e encheu
de Graça toda a nossa Poesia,
e em Portugal se ama melhor e mais ;
por ti, Crisfal só pôde amar Maria,
por ti o roussinol morreu aos ais . . .

Louvada sejas, Iseu,
pela Saudade longa em longos dias,
pelos medos de amor a toda a hora,
pelas penas crueis e as agonias
de quem se chora
porque amou e sofreu ;
louvada sejas pela graça infinda
do teu gesto mortal ;
louvada sejas, ó Linda,
por quem se amou e se ama em Portugal !

Ó mais santa que as santas das igrejas,
Nossa Senhora dos beijos de dor :
— pela morte que dás, bemdita sejas,
bemdita sejas pelo nosso Amor !

E em nosso coração eis se renova,
por milagre de herança, a velha trova ;
cada um de nós reviveu
seu ritmo sempre em nós perpetuado,
e assim suspiro e clamo :
— o mui namorado
Tristam sei bem que não amou Iseu
quanto eu vos amo . . .



SAUDADES TRÁGICO-MARÍTIMAS

Chora no ritmo do meu sangue, o Mar.

Na praia, de braços,
fico sonhando, fico-me escutando
o que em mim sonha e lembra e chora *alguém*;
e oiço nesta alma minha
um longínquo rumor de ladainha,
e soluços,
de além . . .

Chora no ritmo do meu sangue, o Mar.

São meus Avós rezando,
que andaram navegando e que se fôram.
olhando todos os céus ;
são êles que em mim choram
seu fundo e longo adeus,
e rezam na ânsia crua dos naufrágios ;
choram de longe em mim, e eu oiço-os bem,
choram ao longe em mim sinas, presságios,
de além, de além . . .

Chora no ritmo do meu sangue, o Mar.

Naufraguei cem vezes já . . .
Uma, foi na nau *S. Bento*
e vi morrer, no trágico tormento,
dona Lianor de Sá :
vi-a nua, na praia áspera e feia,
com os olhos implorando
— olhos de esposa e mãe —
e vi-a, seus cabelos desatando,
cavar a sua cova e enterrar-se na areia.
E sòzinho me fui p'la praia além . . .

Chora no ritmo do meu sangue, o Mar.

Escuto em mim, — oiço a grita
da rude gente aflita :

— Senhor Deus, misericórdia !

— Virgem Mãe, misericórdia !

Doidos de fome e de terror varados,
gritâmos nossos pecados
e sai de cada bôca rouca e louca
a confissão !

— Senhor Deus, misericórdia !

— Misericórdia, Virgem Mãe !

E o vento geme

no bulcão

sem astros ;

anoitecemos sem leme,

amanhecemos sem mastros !

E o mar e o céu, sem fim, além . . .

Chora no ritmo do meu sangue, o Mar.

Ah ! Deus por certo conhece
minha voz que se ergueu, branca e sòzinha,
— flor de angústia a subir aos céus varados
p'la dor da ladainha !

Transido, o clamor da prece
do mesmo sangue nos veio.

Deus conhece os meus olhos alongados
onde o mar e o céu deixaram
um pouco de vago anseio
nesse mistério longo do seu halo . . .

Rezam em mim os *outros* que rezaram,
e choraram também ;

ha um pranto português, e eu sei chorá-lo
com lágrimas de além . . .

Chora no ritmo do meu sangue, o Mar.

Ó meu amor, repara
nos meus olhos, na sua mágua clara !
Ainda é de além
o meu olhar de amor

e o meu beijo também ;
se sou triste, é de outrora a minha pena,
de longe a minha dor
e a minha ansiedade.

Vê como te amo, vês ?

Meu sangue é português,
minha pele é morena,
minha graça a Saudade,
meus olhos longos de escutar sem fim
o além, em mim . . .

Chora no ritmo do meu sangue, o Mar . . .





OS DOIS SEBASTIANISTAS

Quando tiverem por certo
perdida toda a esperança,
Portugai terá bonança
na vinda do Encoberto.

Trova de 1815.

Como quem cumpre uma sina,
Dois velhinhos, a tremer,
do alto de Santa Catrina
vão todos os dias — ver . . .

Passaram ha muito a conta
dos oitenta ; e entanto ainda
nos olhos dêles aponta
a Esperança moça e linda !

Emquanto os mações franceses
andam por hi a mandar,
êles, suspirando ás vezes,
põem os olhos no mar.

E silenciosos, e sem
uma palavra trocarem,
os velhos, como a esperarem,
olham o mar, para além . . .

Para além, lá para a espuma
lilás da barra do Tejo . . .
Num ansioso desejo
flutuam lenços de bruma.

Oh ! a nau empavezada,
quando ha de apar'cer ela,
a gloriosa caravela
por entre a névoa dourada ?

Sempre Bemvindo e Esperado,
quando vens, rei e senhor,
através do mar salgado,
com gente de grão valor ?

Sempre calados . . . Inda hoje
não chegou o Encoberto.
Mas a Esperança não foge
e a manhã ha de vir perto !

Emfim, como num segredo,
despedem-se em termos tais :
— Amanhã venha mais cedo,
para conversarmos mais.





AOS CABELOS DE INÊS

Vejo-os tam vivos como a luz do dia,
os cabelos de Inês, delgado oiro
do amado tesoiro loiro
que sob os grandes beijos refulgia.

Raios de fina luz, adormeceram
com saudades dos beijos que lhes deram
os beijos do seu grande Namorado ;
raios de fina luz, adormeceram
no silêncio do túmulo dormente,
e com seu vivo lume resplendente
todo por dentro o hão iluminado . . .

Adormeceram no silêncio fundo
onde faziam luar ;
e cuidavam apenas acordar
para o antigo amor — *no fim do mundo !* ,

Mas vieram á luz do claro dia,
dorado oiro
do tesoiro loiro
e resplendente,
que sob os grandes beijos refulgia
da boca amorosa e ansiosa .
e saudosa, eternamente !

Oiro tam loiro e tam doce,
de Amada, Santa e Rainha . . .
— Não serão os de Iseu, que uma andorinha
por maravilha no biquinho trouxe ?

S. PERO GONÇALVES

aquellas suas tam antigas ceremonias com que veneravão e festejavão o dia do Bemaventurado S. Pero Gonçalves, levando-o ás hortas de Enxobregas, e com muitas folias, e de lá o traziam enramado de coentros frescos, e elles todos com capelas ao redor delle, dançando e bailando.

Historia tragico-maritima.

Por te enramarem de coentros,
entre bailos e folias,
tu ás hortas de Enxobregas,
S. Frey Pero, de antes ias.

Assim nos guies e salves,
Senhor S. Pero Gonçalves !

Polas outavas da Páscoa
era o teu dia marcado ;
vinhas então de Enxobregas
de coentros enramado.

Assim nos guies e salves,
Senhor S. Pero Gonçalves !

Bailando por S. Frey Pero,
não havia homem do mar
que não tecesse capela
para ao redor a levar.

Assim nos guies e salves,
Senhor S. Pero Gonçalves !

Que tamanha devação !
Mas S. Frey Pero, no mar,
acendia a luz nos mastros
para a tormenta amainar.

Assim nos guies e salves,
Senhor S. Pero Gonçalves !

Quando se lá acendia
essa benta luz de encanto,
todos no convés, em grita :
— *Salva, salva, ó Corpo Santo !*

Assim nos guies e salves,
Senhor S. Pero Gonçalves !

Mas S. Frey Pero, esquecido,
já não vai ás hortas, não,
não tem bailos nem folias,
no mar não tem devação.

Assim nos guies e salves,
Senhor S. Pero Gonçalves !

Por isso as naus se desgarram,
santo nome de Jasus !

Salva, Salva, ó Corpo Santo,
acende ao alto a tua luz !

Assim nos guies e salves,
Senhor S. Pero Gonçalves !



FALA-SÓS

Meu Portugal cheio de fala-sós
que andam na lua, que os atraí e espera...
E eu ao vê-los evoco os meus Avós,
os fala-sós da Arte e da Quimera.

Ondas do Mar Oceano, adormentando
os sonhos com aléns e com cantares,
que é que vos disse, absorto, meditando,
o Infante em Sagres, — fala-só dos Mares?

Ó exilado fala-só enorme,
Camões, cuja voz enche o amplo horizonte,
« junto de um seco, duro, esteril monte,
onde nem ave vôa, ou fera dorme. »

Suave fala-só, Crisfal, que um dia
as saudades sofrendo tam choradas,
entre todas as lágrimas salgadas
doces achaste aquelas de Maria.

As trombetas de prata clangorando
incendeiam as sombras da cidade.
Dom Pedro, fala-só que vais bailando,
até ao fim do mundo! Que saudade !

Serra de Sintra, na neblina os ais
de *Bimnarder* os ecos despertaram.
Menina e moça um dia t'a levaram,
roussinol fala-só que morto cais.

« Choro por ti os bens que tu não queres,
olha, melhor é amar que ser amado. »
Mariana, cala o coração maguado,
ó fala-só de amor entre as mulheres !

Meu Portugal de almas na lua, inquietas,
que balbucia tanta incerta voz ?
Minha pátria, coitados dos teus poetas,
que são cá sempre os grandes fala-sós !





NEVE EM FLOR

Veio do Norte a princesa
e da sua terra de além,
nesta terra portuguesa
ainda saudades tem.

— Por que estais triste, ó amada,
(pergunta o noivo, sorrindo)
na doce terra beijada
por este sol, que é tam lindo ?

— Senhor, meu coração deve
dizer esta pena já :
tenho saudades da neve
que na minha terra ha.

Êle, num beijo de amor,
leva ao campo a exilada,
onde ha neve perfumada
nas amendoeiras em flor !



O ENCOBERTO

Cavaleiro do Sonho e do Desejo,
guarda no santo gral,
com a nossa Saudade e o nosso Beijo,
— o sangue de Portugal . . .

Sonho de além e de glória,
ha tanto, ha tanto
o sonha um Povo inteiro !
Maravilha e encanto
da nossa história,
— ó Manhã de Nevoeiro . . .

Ó manhã misteriosa
que alvoreces em nós teu rompente claror,
teu messiânico alvor,
manhã de além, alva saudosa,
— tu és a nossa força que não passa,
teu sonho em nós revive ao longe e ao perto,
manhã sem dia, ó manhã de graça
em que ha de vir o Encoberto . . .

Místico Cavaleiro alucinado
que ao areal arrastou nossa alma em flor
e jogou a sorrir nosso destino e sorte,
êle era vivo antes de Desejado,
êle era vivo em nosso sonho e amor,
— e nunca o levou a morte . . .

Êle é vivo e é eterno ! Horas ansiadas
em que eu o sinto, com a Raça, em mim . . .
Êle vive nas Ilhas Incantadas
da nossa alma sem fim . . .

E, ó maravilha !
em toda a hora do perigo e do temor,
o Encoberto volta da sua Ilha,
e salva-nos, e salva-nos, Senhor ! ...

E a Esperança imortal,
surda palpita na manhã rompente !
Cerra-se a névoa alucinadamente,
Portugal boia no nevoeiro ...
E o Cavaleiro
do Sonho e do Desejo
guarda no santo gral,
com a nossa Saudade e o nosso Beijo,
— o sangue de Portugal ...





ROSAS DE SANTA MARIA

As quaes sendo trazidas ante o
Infante elle as cheiraua, & tão se
gloriaua de as ver como se fôra
alguũ fructo & mostra da terra de
promissam, dando muitos lououres
a deos: & pedia a nossa Senhora
cujo nome aquellas heruas tinhã, q̃
encaminhasse as cousas daquelle
descobrimétó.

BARROS, *Decada primeira*
da Asia.

Rosas de Santa Maria,
aroma do além, o de elas ;
o Mar Oceano floria
de rosas e caravelas.

Rosas de Santa Maria,
cheiroso rasto das quilhas ;
o seu cheiro rescendia
ao corpo verde das Ilhas.

A Virgem no azul sorria,
guiando o rumo das velas ;
rosinhas do mar, tam belas,
rosas de Santa Maria.

Perfume do Longe . . . O Infante
cheirava-as e lhes sorria ;
rosas do rosal distante,
rosas de Santa Maria.

E a Senhora o manto abria
e amainava as procelas ;
rosas de Santa Maria,
madrinha das caravelas.

E a Senhora, o manto abrindo,
o Tenebroso floria ;
nas ondas, rosas florindo,
rosas de Santa Maria.





SERRA DE SINTRA

Ficava o charo Tejo & a fresca serra
De Sintra, & nella os olhos se alongavam...

CAMÕES.

do mar olhámos para uma
alta montanha, balisa dos mareantes,
chamada serra de Sintra...
E, pois a primeira coisa q̃ viamos
em Portugal era a sua pena...

FREI HEITOR PINTO.

Serra de Sintra, em ti se iam pousando
Os olhos dos mareantes que abalavam,
E só por fim ao longe adivinhavam
A pátria entre neblinas ondeando.

Pedras sagradas, foi-vos desgastando
O olhar de tantos olhos que choravam ;
Fostes o adeus de todos que ficavam,
E a saudade dos outros, navegando.

Em ti, serra marítima e da Lua,
Paira a Saudade como a maresia,
Mágua de amor tam alta e tam serena.

E quem depois voltava á pátria sua,
Ao mesmo tempo lá das ondas via
Terra de Portugal e sua pena . . .



O MONGE E O PASSARINHO

Oiu ũa passarinha
cantar logu' en tan bon son...

D. AFONSO O SABIO.

Como é o Paraíso ?
— o monge nisto cuidou ...
Eis que a Virgem, num sorriso,
êste milagre ordenou.

Sentou-se á sombra, a scismar,
o monge ; e logo pertinho
começou a gorgear
o canto de um passarinho.

Lá do seu alto onde estava
cantando um canto tam lindo,
aquela voz continuava
e o monge ia-a ouvindo.

Em roda tudo era calma ;
e o monge, sorrindo, ouvia
a terna voz que descia
aos ecos da sua alma.

Após um breve momento
o passarinho calou-se ...
Saudoso da voz tam doce
o monge foi p'ra o convento.

Mas quem tal acreditára ?
Ninguém o lá conhecia,
todo o convento mudára,
mudára tudo que via !

O passarinho gorgendo
seu canto brando e macio,
trezentos anos a fio
ali estivera cantando . . .





SANTA IRIA

'Stando eu á janela co' a minha almofada,
minha agulha de ouro, meu dedal de prata...

Romance de Santa Iria.

Iria, livre da mágua
Le do mundanal desejo,
dorme no fundo do Tejo,
venerada ao longo de água.

Sempre pura, sempre linda,
alva, loira, virginal,
Iria repousa ainda
no sepulcro de cristal.

Os anjos ali fizeram
esta cama cristalina ;
e embalando-a, adormeceram
a pobre moça menina.

Iria dorme, sonhando,
debaixo de água, que, ao vê-la,
com leves passos andando
jâmais acorda a donzela . . .

Secou-se-lhe emfim o chôro
que dos olhos se desata.
Tem comsigo a agulha de ouro
mais o seu dedal de prata.



ALCÁCER-QUIBIR

Morrer, mas devagar.

Depois de ter morrido devagar,
ficou minha alma, a sangrar
e a sorrir,
no areal de Alcácer-Quibir.

Por todo o areal cruel
almas sem fim havia
a sangrar ;
— todas tinham morrido devagar,
como a de *êle* ;
por todo o longo areal

a nossa alma morria,
morria em flor, rosa na primavera;
e era a minha alma, e era
a alma da Cavalaria
e a alma de Portugal
que devagar morria . . .

No areal de sangue
a minha alma exangue
foi pisada e recalcada
na algaravia das algazaras;
e ao pé de ela, exangue
no areal de sangue,
havia montes de guitarras.

Rôta, no chão, minha alma recordou-se,
sorrindo,
de um corpo lindo,
de uma alma doce
que em Lisboa ficára;
viu, alva e linda,

a sua graça rara ;
amou ainda
os olhos da sua cara,
os lábios com que sorria
o seu sorriso aberto em claridades,
— e a minha alma devagar morria
outra vez, com saudades !

A noite desceu,
a lua nasceu,
a minha alma adormeceu,
e suas chagas sangravam ;
depois, num sonho, absorta,
sentiu que a beijavam
— e eram lábios de moiras que beijavam
a minha alma já morta.





A RIBEIRINHA

Ay eu coitada como vivo
en gran cuidado por meu amigo
que ei alongado ! Muito me tarda
o meu amigo na Guarda !

EL REI DOM SANCHO I.

El rei Dom Sancho, partindo
de ao pé da dona adorada,
na boca da bem-amada
pôs êste cantar, carpindo :

*Ay eu coitada como vivo
en gran cuidado por meu amigo . . .*

El rei parte-se de ali,
que o chama a nova cidade ;
vai-se cheio de saudade
e a Ribeirinha sorri :

*Muito me tarda
o meu amigo na Guarda !*

Ribeirinha, ó Ribeirinha,
que sabor na alcunha clara !
Vê-se o sorriso e a covinha
que êle abre na tua cara.

*Ay eu coitada como vivo
en gran cuidado por meu amigo . . .*

Dona Maria Ribeira,
por quem tanto se penou,
dona, fostes a primeira
que esta linguagem cantou.

*Muito me tarda
o meu amigo na Guarda!*

E ficais entre os choupais
de Coimbra, no assossêgo
do brando rio Mondego,
com os roussinóis aos ais.

*Ay eu coitada como vivo
en gran cuidado por meu amigo...*

Entanto, na dura serra
el rei levanta a cidade,
e a proveytança da terra
não lhe mingua a saudade.

*Ay coitada da vida minha
en gran cuidado p'la Ribeirinha...*

O Povoador suspirada
trá la vida, ai sim, por Deus,
p'la fremosa, a bem talhada,
o lume dos olhos seus !

*Ay coitada da vida minha
en gran cuidado p'la Ribeirinha . . .*

Velho Dom Sancho amoroso,
melhor te fôra compor
por verdade e por amor
outro cantar mais saudoso :

*Muito me tarda
beijá-la, e fugir da Guarda !*

GUIARRAS DE ALCÁCER

Ó guitarras de Alcácer-Quibir,
chorai-vos cantando, gemei a sorrir...

Cantai as saudades dos fieis namorados,
os olhos castanhos, os beijos trocados.

Ó guitarras de Alcácer-Quibir,
chorai-vos cantando, gemei a sorrir...

Gemei as saudades, brando, muito brando,
matando as saudades, chorai-vos cantando.

Ó guitarras de Alcácer-Quibir,
chorai-vos cantando, gemei a sorrir...

Gemei as saudades, carpindo, carpindo,
carpindo as saudades do amor mais lindo.

O guitarras de Alcácer-Quibir,
chorai-vos cantando, gemei a sorrir...

Cantai-vos gemendo, chorando mais forte,
guitarras, amores, que amanhã é a morte...

Ó guitarras de Alcácer-Quibir,
chorai-vos cantando, morrei a sorrir...

MARÉ VASIA

Por onde esta manhã labutaram fervendo
em combates e arrancos,
as ondas enrolando os seus músculos brancos,
— um campo santo alonga-se em silêncio...

As vibrações e os trons dos rancos dos' trovões
de essa ardente batalha glauca, a maré cheia,
— mui lentos se abateram e apagaram
e suspiraram, morreram
por sobre a areia...

Oh ! a batalha brava, a 'escumante vitória
do assalto jovial e triunfal de glória
das ondas a galope a galgar penedias ! . . .

— Agora lá ao longe as ondas choram,
e ha surdinas que exoram, rememoram
doridas elegias . . .

Vê-se o fundo do mar . . . Vagos destroços
dos pejados galeões e, espectrais,
Frol de la Mar, Framenga, a Garça, e mais . . .
O campo santo cheio de ossos . . .

Alêm, os pobres corpos rotos
das naus, doridos das procelas ;
e entre as sombras das mortas caravelas,
sombras de capitães e de pilotos . . .

No lusco-fusco, erguido como os medos,
o povo escuro e rudo dos penedos.
Vê-se o fundo do mar. — E em mim agora
— maré vasia da minh'alma — chora
alguêm . . . mas que saudades ? que segredos ?

O ROUSSINOL

Entam (triste da auezinha) que
estando-se assi queixando...

BERNARDIM RIBEIRO.

O roussinol, na espessura,
num ramo por sôbre a água,
gorgeia, exala e murmura
o canto da sua mágua.

Põe-se o silêncio escutando,
e suspira, ouvindo a endeixa ;
e as árvores, ramalhando,
choram e escutam a queixa.

Eis senão quando, de absorto,
cala o roussinol sua mágua,
e lá do alto vem morto
e vai levado na água...

Roussinol, teu canto, ecoando,
é eterno de graça e dor :
amas e choras cantando,
calas-te e morres de amor.



PENHA VERDE

Eu tenho ũa quinta a par de
Sintra, a quall eu fiz, e lhe tenho
grande afeição polla fazer.

*Testamento de D. João DE
CASTRO.*

Sintra, princesa moira rebuçada
Na fresquidão vaga e alva das brumas,
Ó serra caçadora debruçada
Na marinheira roca das espumas !

Em *Penha Verde*, á hora em que te esfumas
Nos altos ais que rolam nas quebradas,
Passa espectral, por entre o alvor das brumas,
O Viso-Rey, de barbas desmanchadas.

« Já não é português o meu Rochedo !
Já não é minha a quinta bem-amada ! »
Suspira a grande sombra num segredo.

Desce a tardinha rôxa nas neblinas,
e a grande sombra some-se calada
no silêncio das *árvores peregrinas* . . .



TÁVOLA REDONDA

El Rey na tenda, segundo parece, nom foy bem contente dal guns, que se nom chegaram, como elle quizera...

FERNAM LOPEZ,

Nêsse dia, no cêrco de Cória,
perdido fôra o ardor guerreiro,
que não sorrira o sol da glória
ao senhor Rei Dom João Primeiro.

— Pois por hoje (disse el rei) bonda
que vos diga, meus companheiros,
fizeram minguá os cavaleiros
da nobre Távola Redonda !

Mem Rodriguez de Vasconcelos,
de vivo olhar e esperta língua,
diz : — Esses cavaleiros belos
ora não nos fizeram minguia !

Joham Fernandez tem o valor
de Lançarote, e o mesmo faz ;
Mem Vasquez da Cunha, senhor,
é tam bom como Dom Galaaz.

Gonçalo Coutinho atacando
é tam bom como Dom Tristam,
e eu como Dom Quea (e andando,
mais nomes foi dizendo então).

Senhor, procurai pois alhur
a razão por que mal andámos ;
fomos nós, senhor, que chorámos
a falta do bom Rei Artur !...

MARIA DO MAR

Lá no meio de esse mar
ouvi cantar, escutei;
saíu-me a senhora sereia
lá no palacio del rei.

Cantiga do povo.

De frente da minha casa,
as sereias ao redor,
defrente da minha casa
cantaram — senhor doutor !

E eu ouvia cantar
as sereias do mar...

— Trazemos-lhe uma Menina
de algas vestida e coral,
trazemos-lhe uma Menina,
graça e flor de Portugal.

E eu ouvia cantar
as sereias do mar . . .

— Seu pai, o Oceano Atlântico,
fê-la infanta em seus Estados ;
seu pai o senhor Atlântico
manda-a com muitos recados.

E eu sorria ao cantar
das sereias do mar . . .

— Criou-se em belos palácios
de reis marinhos, no fundo,
em cristalinos palácios,
longe das coisas do mundo.

E eu ergui-me ao cantar
das sereias do mar . . .

— Nos olhos traz a Saudade,
seu olhar é brando e sério,
nos olhos traz a Saudade
de todo o nosso mistério.

E eu saí ao cantar
das sereias do mar . . .

— Na sua cabeça linda
lindas mãos se hão de pousar,
na sua cabeça linda
que os poetas hão de cantar.

Oh o lindo cantar
das sereias do mar !

— Seus olhos serão dois búzios,
(vai a vaga, a vaga vem)
seus olhos serão dois búzios
sorrindo o seu longo além . . .

E eu fui-me á praia } buscar
Maria do Mar.



PINHAL DO REY

Catedral verde e sussurrante, aonde
a luz se ameiga e se esconde
e aonde ecoando a cantar
se alonga e se prolonga a longa voz do mar,
ditoso o Lavrador que a seu contento
por suas mãos semeou este jardim ;
ditoso o Poeta que lançou ao vento
esta canção sem fim ...

Ai flores, ai flores do Pinhal florido,
que vedes no mar ?
Ai flores, ai flores do Pinhal florido,
Rei Dom Dinis, bom poeta e mau marido,
lá vem as velidas bailar e cantar.

Encantado jardim da minha infância,
aonde a minh'alma aprendeu
a música do Longe e o ritmo da distância
que a tua voz marítima lhe deu ;
místico órgão cujo além se esfuma
no além do oceano, e aonde a maresia
ameiga e dissolve em bruma
e em penumbras de nave, a luz do dia.
Por estes fundos claustros gemem
os ais do Velho do Restelo ...
Mas tu debruças-te no mar e, ao vê-lo,
teus velhos troncos de saudosos fremem ...

Ai flores, ai flores do Pinhal louvado,
que vedes no mar ?
Ai flores, ai flores do Pinhal louvado,

são as caravelas, teu corpo cortado,
é lo verde pino no mar a boiar.

Pinhal de heroicas árvores tam belas,
foi do teu corpo e da tua alma também
que nasceram as nossas caravelas
ansiosas de todo o Alêm ;
foste tu que lhes deste a tua carne em flor
e sobre os mares andaste navegando,
rodeando a terra e olhando os novos astros,
ó gótico Pinhal navegador,
nas naus erguida levando
tua alma em flor na ponta alta dos mastros ...

Ai flores, ai flores do Pinhal florido,
que vedes no mar ?
Ai flores, ai flores do Pinhal florido,
que grande saudade, que longo gemido
ondeia nos ramos, suspira no ar.

Na sussurrante e verde catedral
oiço rezar a alma de Portugal :

ela aí vem, dorida, e nos seus olhos
sonâmbulos de surda ansiedade
no rôxo da tardinha,
abre a flor da Saudade ;
ela aí vem, sòzinha,
dorida do naufrágio e dos escolhos,
viúva de seus bens
e pálida de amor,
arribada de todos os alêns
de êste mundo de dor ;
ela aí vem, sòzinha,
e reza a ladainha
na sussurrante catedral aonde
toda se espalha e esconde
e aonde ecoando a cantar
se alonga e se prolonga a longa voz do mar...



TRÍPTICO DE SONETOS

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram...

CAMÕES, *Lusiadas*.

ATÉ AO FIM DO MUNDO.

*Inscrição na rosácea do
túmulo de Dom Pedro.*

« Porém agora elRei nosso se-
nhor por desemcarregar sua alma
e dizer verdade, e nom ser duvida
a alguuns, que deste casamento
parte nom sabiam, fez iuramento
sobre os samtos evangelhos:..»

FERNAM. LOPEZ, *Cronica do
Senhor Rey Dom Pedro.*



LINDA INÊS

Choram ainda a tua morte escura
Aquelas que chorando a memoraram ;
As lágrimas choradas não secaram
Nos saudosos campos da ternura.

Santa entre as santas pela má ventura,
Rainha, mais que todas que reinaram ;
Amada, os teus amores não passaram
E és sempre bela e viva e loira e pura.

Ó Linda, sonha aí, posta em sossêgo
No teu muymento de alva pedra fina,
Como outrora na *Fonte* do Mondego.

Dorme, sombra de graça e de saudade,
Colo de Garça, amor, moça menina,
Bem-amada por toda a Eternidade !



OS TÚMULOS

A^{TÉ AO FIM DO MUNDO.} A grande amada
Escuta o adeus da grande voz sentida.
Santa e Rainha, aguarda aquela vida
Que só depois do fim é começada.

Pedra de sonho e dor, foste lavrada
Pela Saudade imensa aqui vivida ;
Guarda a Saudade, pois, da despedida,
E a esperança da hora desejada.

Guarda a Saudade que jàmais acaba,
Que o dia que ha de vir, de amor contente,
Os que dormem aqui vão esperando.

E no fragor do mundo que desaba,
Hão de acordar, sorrindo eternamente,
Os olhos um no outro emfim pousando !



DOM PEDRO

Bom filho de Tristam e Iseu, que um dia
Beberam juntos o mortal Encanto,
Foste a nossa Saudade na agonia,
E a rosácea embebeu-se dô teu pranto.

Na arca deitado, envolto no teu manto,
'Speras o fim do mundo e a fugidia
Hora em que os olhos volva, e os teus entanto
Nos de Ela se misturem de alegria.

Ó grande Namorado, em ti a Raça
Admiro, e a tua ideal fidelidade,
Portugal da minha alma e minha graça.

Disseste, por amor, o eterno adeus,
E por amor viveste de saudade,
E por amor juraste falso a Deus !

CANCIONEIRO

CANTARES DOS BÚZIOS

1

Meu coração é um búzio
Monde em perpétuo rumor
se alonga a minha saudade
e murmura o meu amor.

2

Murmura o búzio, murmura,
murmura o búzio de além,
murmura o búzio, murmura,
— canta o teu nome, meu bem.

3

Ó mar, o que é que tu cantas
hoje com tanta paixão ?
— Ai tantas saudades, tantas,
ai tantas saudades são !

4

Murmura o búzio, murmura,
murmura a cantiga infinda ;
murmura o búzio, murmura :
— linda, linda, linda, linda ...

5

Areia loira da praia,
por que tens manchas de luz ?
— Foi o sítio onde pousaram
os seus pés brancos e nus.

6

Acima, acima, aos meus olhos,
ó minh'alma, e olha bem !
Vê se vês os meus amores
lá para as bandas de além.

7

Andei na *Nau Catrineta*,
gritei ao mar em furor :
— O meu corpo é para as ondas,
minh'alma, do meu amor !

8

Ó lenços brancos da bruma,
alvos e leves, a voar,
o meu amor está longe,
vinde em meus olhos pousar...





LA MAR

Nunca vejo las ondas
nen as muit'altas rocas,
que mi non venhan ondas
al cor pola fremosa.

ROY FERNANDES.

I

O mar? Não, la mar,
é la mar, é ela,
é la mar, é bela
para eu a amar.

Com palavras magas
la mar me enamora,
e o meu corpo adora
seu corpo de vagas.

Linda e imensa vem
a meus olhos, bela,
e eu adoro aquela
sua alma de além.

La mar dos escolhos,
la mar dos desejos,
la mar dos meus beijos,
la mar dos teus olhos !

II

De fitar la mar,
la mar, lindo amor,
meu olhar tem a côr
do seu verde olhar.

De ouvirem la mar,
os seus ais compridos,
são os meus ouvidos
búzios a cantar.

De beijar la mar
com longo desejo,
exala o meu beijo
aromas no ar.

O mar ? Não, la mar,
é la mar, é ela,
é la mar, é bela
para eu a amar !

III

Ondininha loira,
sereia, tesoiro,
com teu riso de oiro
la mar se redoira.

E la mar agora
mora em nós : em ti
la mar canta e ri
e em mim canta e chora.

Alga, rindo flues
na onda que volve,
e la mar te envolve
nos braços azues.

Ondininha loira,
sereia, tesoiro,
com teu riso de oiro
la mar se redoira !

IV

Quem dizer-vos ha de,
saudades marinhas,
as saudades minhas,
la mar da saudade ?

Longe as ilhas vejo,
e nelas pousando
meus olhos, voando,
voa meu desejo.

Por cima da espuma
e mais dos escolhos,
pousam-se meus olhos
nas ilhas de Bruma...

La mar dos escolhos,
la mar dos desejos,
la mar dos meus beijos,
la mar dos teus olhos!





ROMANCE

Por noite velha, truz truz,
bateram á minha porta.

— Donde vens, ó minha alma ?

— Venho morta, quase morta.

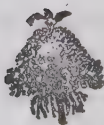
Já eu a mal conhecia
de tam mudada que vinha ;
trazia todas quebradas
suas asas de andorinha.

Mandei-lhe fazer a ceia
do melhor manjar que havia.
— Donde vens, ó minha alma,
que já mal te conhecia ?

Mas a minh'alma, calada,
olhava e não respondia ;
e nos seus formosos olhos
quantas tristezas havia !

Mandei-lhe fazer a cama
da melhor roupa que tinha :
« por cima damasco rôxo,
por baixo cambraia fina ».

— Dorme, dorme, ó minha alma,
dorme e, para te embalar,
minha boca está cantando
com vontade de chorar.



TROVAS DO LONGE

I

No meu sangue (eu bem n'a sinto)
canta-me uma voz antiga.

O avô Fernão Mendes Pinto
ensinou-me esta cantiga.

II

« Eu sou o Longe, a distância
que te acompanha a embalar ;
o berço da tua infância
andou nas águas do mar. »

III

Longe de meus olhos tristes,
longe da minh'alma, além ;
longe que a meu lado existes
e no meu amor também.

IV

Ando-me ouvindo, a sorrir,
a voz que me anda cantando ;
mas tenho saudades de ir
e saudades de ir ficando.

V

Longe que chora e sorri,
longe azul dos olhos meus,
longe da minh'alma em Deus,
longe da minh'alma em ti.

VI

Seja da luz ou da treva
a vaga voz vai e vem . . .
Quem morre, saudades leva,
quem vive, saudades tem.

CANTIGAS AO POTE DE AZEITE

Que todo o humano deleite
como o meu pote de azeite
ha de dar comsigo em terra.

MOFINA MENDES.

I

Portugal cantou bailando,
ai, bailou até mais não !
Mas o seu pote de azeite
asinha lhe foi ao chão.

Por mais que a dita o engeite,
pastores, não lhe deis guerra,
que todo o luso deleite
ha de dar comsigo em terra.

II

Portugal, moço Mofino,
dize, nome de Jesu,
caíu-te o pote no bailo
e cantas e bailas tu?

Por mais que a dita o engeite,
pastores, não lhe deis guerra,
que todo o luso deleite
ha de dar comsigo em terra.

III

Teve metade do mundo
fechada na sua mão . . .
Portugal, velho Mofino,
naufrágio de galeão !

Por mais que a dita o engeite,
pastores, não lhe deis guerra,
que todo o luso deleite
ha de dar comsigo em terra.

III

Pote das pérolas, — Índias !
e dos diamantes, — Brasis !
Mas não te enfades, Mofino,
que minh'alma assim te quis.

Por mais que a dita o engeite,
pastores, não lhe deis guerra,
que todo o luso deleite
ha de dar comsigo em terra.

IV

Filhou-te gente refece ?
Ninguem te sentiu ainda ?
O moços, vamos salvá-la,
terra mofina e tam linda !

Por mais que a dita o engeite,
pastores, não lhe deis guerra,
que todo o luso deleite
ha de dar comsigo em terra.



ENDEIXAS

Vai fermosa, & não segura.

CAMÕES.

Ó recordações
de Coimbra, de Antes...

Amor de estudantes,

Leonor ! Camões !

Os rapazes de hoje
diz que são uns velhos ;
azues ou vermelhos,
o amor lhes foge.

Mas será verdade,
ó lindas viúvinhas ?
Já não ha Saudade
nem ha *Teresinhas* ?

Pálidas viúvelas,
quem vos ama agora ?
E as quadras de outrora
quem as faz tam belas ?

Ei-la, não segura,
Leonor formosa,
na boca de rosa
que meiga tristura !

Na cabeça o pote,
cinta de escarlata,
vasquinha de cote,
suas mãos, de prata.

Sabe, Leonor,
sou o mesmo ainda,
como de antes, linda,
falo-te de amor.

Coimbra, Junho, XIV.





CANÇÕES DE SAUDADE E AMOR

A SAUDADE

Minh'alma, quando está longe
da tua, graça do sol,
ás vezes parece o monge
que escutava o roussinol.

Que ás vezes o tempo passa,
nem sei como êle correu . . .
A Saudade é como a Graça,
dá-nos o sonho do céu.

2

O filtro da loira Iseu
do velho conto mais lindo,
bebêste-lo tu sorrindo,
morrendo bebi-o eu.

E desde então agonizo,
devora-me a chama ardente
e morro constantemente,
vivendo do teu sorriso !

MENINA E MOÇA

Quem é aquela *Menina*
e moça do livro brando,
onde a Saudade, cantando,
plange tam doce e tam fina ?

A longes terras levada,
terras de écloga e tristeza,
seja pastora ou princesa,
é menina e moça, e amada !

Jàmais se queira saber
quem ela é . . . É a Amada,
a longes terras levada
para um poeta morrer.

4

Neste ritmo em que te animas,
sonho que te funde e abraça,
canta o mistério das rimas,
ó Língua cheia de graça !

Que todo o verso de amor
e o que cantar com desejo,
pediu a rima do beijo,
chorou a rima de dor.

5

Às ondas pus-me a contar
a grande pena que eu tinha,
e a voz imensa do mar
casava-se com a minha.

Os ais e suspiros meus
entravam pelo infinito,
e o teu nome, num grito,
ficava entre mim e Deus.

SOMBRAS

Mais alvas do que as espumas
ao luar no marinho alvor,
por um Mondego de brumas
vogam as mortas de amor.

Tombam do céu violetas,
a tardinha exala um beijo,
e vão seguindo o cortejo
Namorados e Poetas.

E àquela doce passagem,
que faz chorar a tardinha,
os velhos choupos da margem
entoam a ladainha . . .

7

As andorinhas, voando,
cortam o azul com as asas,
e ao beiral meigo das casas
acolhem-se enfim pousando.

São assim os olhos meus
em suas penas sòzinhas,
meus olhos, as andorinhas
do beiral dos olhos teus.

Á NOITINHA

Á noitinha os namorados
enlaçam as mãos, suspiram . . .
Rôxos na sombra, deliram
os cravos apaixonados.

Mas as estrêlas, saudosas
lá onde Deus as desterra,
foram sempre curiosas
das coisas de amor da terra.

Eis porque o vivo fulgor
acendem logo as estrêlas,
e vão subindo p'ra elas
juras e beijos de amor.

SÓROR MARIANA

Sóror Mariana, velhinha
de setenta anos contados,
põe os olhos apagados
na meiga luz da tardinha.

Seus olhos, por onde o chôro
tam longamente correu,
são duas fogueiras de ouro
em que de noite choveu.

Ao tempo, no mundo corre
a fama de uma amorosa . . .
E a pobre freira, saudosa,
saudosa de si, se morre.

10

Nesta hora o meu desejo
co'as nuvens lilases vai . . .
O dia morre num beijo,
o beijo morre num ai.

Ó nuvens de êste sol pôr,
saudades assemelhando,
sois um raminho que eu mando
cá de longe ao meu amor.

11

Surda e saudosa na bruma
chega-me a voz de Crisfal,
voz de amor, que em Portugal
é amar sempre, e só uma.

Nisto a vida se resuma,
seja por bem ou por mal ;
como aquele fiel Crisfal
é amar sempre, e só uma.

Que o amor em Portugal
em doce névoa se esfuma;
seja por bem ou por mal,
é amar sempre, e só uma.

O BEIJO

Á minha amada, na praia,
dei um beijo, a sós e a medo;
mas a onda que desmaia
descobriu este sêgrêdo.

E ás outras logo contando
o beijo que me viu dar,
foi de onda em onda passando
o meu sêgrêdo a cantar.

Treme ansioso o teu seio,
e eu, pálido de temor,
que todo o mar anda cheio
de aquele beijo de amor !

13

A estrêla de alva, luzindo,
piedosa ao alto aparece ;
depois tremúla, esmorece
e rola e vai-se sumindo . . .

Lágrima eterna de dor,
choram-na os céus, cada dia,
pela calada agonia
das despedidas de amor.

14

No fundo de esta conchinha
vejo todo o mar sem fim ;
assim na saudade minha,
meu amor, te vejo em mim.

No nácar da concha eu vejo
as ondas quebrando em flor . . .
Ó concha do meu desejo,
minh'alma cheia de amor !

15

O tempo tem mãos rugosas
mas doces, trémulamente ;
mãos de avô, silenciosas
afagando um neto doente.

Sinto em minh'alma passando
essas mãos . . . A alma sorri.
E a saudade, sonhando,
fica saudosa de si.

16

O graça subtil e infinda
que em certas palavras passa :
que linda a palavra — *graça*,
e a graça de esta — *linda* !

17

Quantas violetas nos céus !
Outono de hálitos loiros
e de moribundos oiros,
Outono, graça do Adeus.

Filtro de morte e de amor,
minh'alma a taça esvasia . . .
Festa da melancolia,
Outono, agonia em flor.

FONTE DOS AMORES

Dom Pedro pela água envia
a Inês o que lhe escreveu,
já como Tristam fazia
quando escrevia a Iseu.

E a água, o pêso sentindo
de doces palavras tais,
ia em segrêdo e sorrindo
levar os beijos e os ais.

E ligeira, caminhando,
dizia com voz travêssa :
— É preciso ir mais depressa,
que a amada, a linda está 'sp'rando . . .

MANHÃ DE NÉVOA

Manhã de névoa tam linda,
manhã de esperança em flor . . .
Coração, espera ainda,
— quando te verei, amor ?

Coração, espera ainda,
não esmoreças de dor.
Manhã de névoa tam linda,
— quando te verei, amor ?

Ó minha esperança infinda,
Sonho, meu rei e senhor !
Manhã de névoa tam linda,
— quando te verei, amor ?

Nas minhas canções perpassa
o que eu rezo e te não digo,
ó minha graciosa graça
e de meus olhos abrigo !

Amor que ao longe e que ao perto
não esqueceu nem mudou,
o meu amor é mais certo,
mais eu mesmo do que eu sou.

Quisesse eu traír-te um dia,
ó minh'alma, aos olhos teus,
quisesse eu, não poderia,
porque o não deixava Deus.

LUAR

A noite macia e nua
silenciosamente alveja,
e o luar leve goteja
da fonte morna da lua.

Jasmins do luar de Agosto,
que entonteceis o ar mudo,
não sois tam alvos comtudo
como a neve do seu rosto.

Luar mais doce que o mel,
que estás vendo a minha linda,
faz-te lá mais doce ainda
para pousar-lhe na pele . . .

NO FIM DO MUNDO,

Soa a hora desejada,
chega o Juízo final !
Dom Pedro de Portugal
olha enfim a sua amada.

Naquela hora divina
amam-se e esquecem a dor.
Entanto o mundo termina
— e êles sorriem de amor.

FINIS
LAUS DEO

NOTA

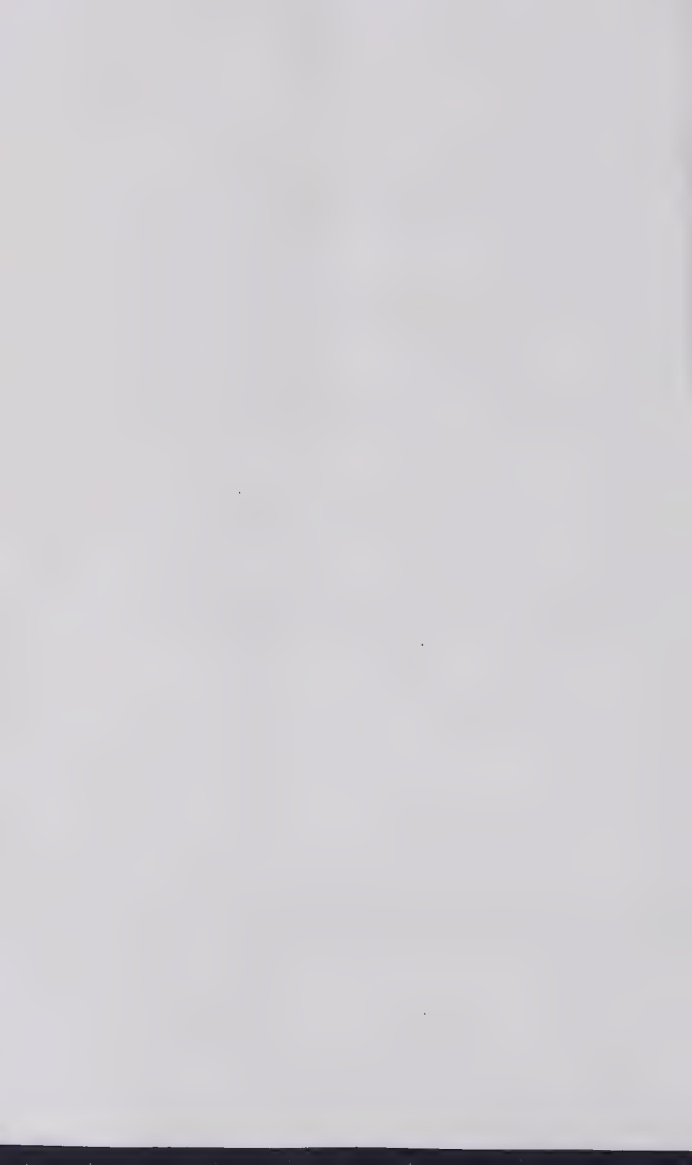
Publicando êste livro, escrito já durante a Guerra, e por bastante tempo conservado na deleitosa intimidade do inédito, não agradaria ao autor — e quase só para si mesmo êle o diz — que a sua attitude fôsse tomada por lamentável egoismo de letrado, alheio á Dor da sua época. É que, escrevendo versos — que apenas o são quando fôrem música e sonho — o autor não pretende fazer “literatura”; obedece ao mando do seu ritmo interior, e só os escreve quando êles “querem”.

Mas se, porventura, houver neste livro um verso único que ajude a exprimir a Alma Portuguesa, o autor considerará êste piqueno poema, em tal hora vindo, como sendo mais uma afirmação do supremo character da Raça — o Lirismo.

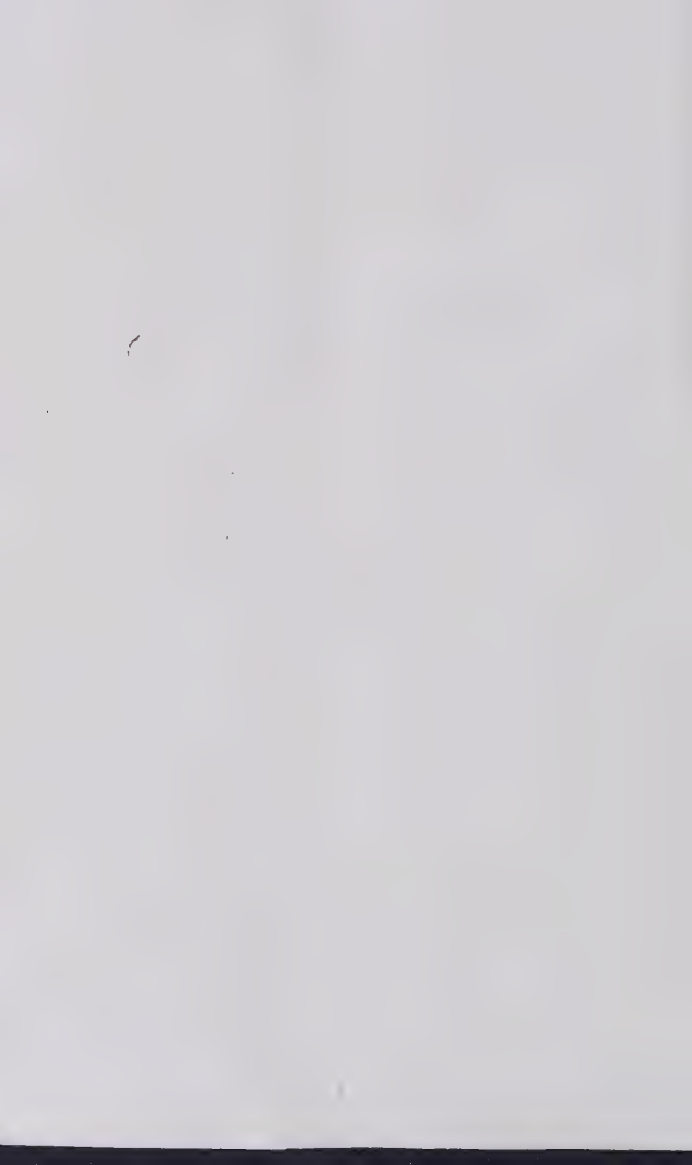
Lisboa, 8 de Abril de 1917.

A. L. V.

P. S. — O autor reserva o direito de permitir que para os seus versos seja composta música.



INDEX



INDEX

<i>Numa casa que está rezando ao Mar</i>	5
--	---

ROMANCEIRO

Iseu	11
Saudades trágico-marítimas	15
Os dois sebastianistas	21
Aos cabelos de Inês	25
S. Pero Gonçalves	27
Fala-sós	31
Neve em flor	35
O Encoberto	37
Rosas de Santa Maria	41
Serra de Sintra	45
O monge e o passarinho	47
Santa Iria	51
Alcácer-Quibir	53
A Ribeirinha	57

Guitarras de Alcácer	61
Maré vasia	63
O roussinol	65
Penha Verde	67
Távola Redonda	69
Maria do Mar.. .. .	71
Pinhal do Rey	75

TRÍPTICO DE SONETOS:

Linda Inês	81
Os Túmulos	83
Dom Pedro	85

CANCIONEIRO

Cantares dos búzios	89
La mar	93
Romance.. .. .	99
Trovas do Longe	101
Cantigas ao pote de azeite.. .. .	103
Endeixas	107

CANÇÕES DE SAUDADE E AMOR:

A Saudade	111
O filtro da loira Iseu	112

Menina e moça	112
Neste ritmo em que te animas	113
Às ondas pus-me a contar	113
Sombras	114
As andorinhas, voando	115
À noitinha	115
Sóror Mariana	116
Nesta hora o meu desejo	117
Surda e saudosa na bruma.. .. .	117
O beijo	118
A estrêla de alva, luzindo	119
No fundo de esta conchinha	119
O tempo tem mãos rugosas	120
Ó graça subtil e infinda	120
Quantas violetas nos céus	120
Fonte dos Amores	121
Manhã de névoa	122
Nas minhas canções perpassa	122
Luar.. .. .	123
No fim do mundo	124
NOTA	127
<i>Citação de D. Francisco Manuel</i>	135
<i>Rúbrica da oficina</i>	137

No 4.º verso do soneto *Linda Inês*

a palavra *saudosos* deve ser lida : *saúdosos*.



DA INFELICIDADE
DA COMPOSIÇÃO,
ERROS DA ESCRI-
TURA, E OUTRAS
IMPERFEIÇÕES DA
ESTAMPA, NÃO HA
QUE DIZER-VOS:
VÓS OS VEDES,
VÓS OS CASTIGAI.

*D. FRANCISCO MA-
NUEL DE MELLO.*





ACABARAM-SE DE IM-
PRIMIR ESTAS "ILHAS
DE BRVMA" AOS QUA-
TORZE DE ABRIL DE
MIL NOVECENTOS E
DESASETE, NA OFICINA
DE FRANCISCO FRANÇA
AMADO, EM A BELA
CIDADE DE COIMBRA.

PQ9261. V54I5



a39001



004193648b

8/71



F. FRANCA AMADO

LIBRARY & MUSEUM

COLEMAN

MCMXVII

P09261. V5415



8/71

F. FRANÇA AMADO
impressor & livreiro

COIMBRA
MCMXVII